

Começa hoje a *feira de troca* de Olhos d'Água

Começa hoje, em Olhos d'Água, distrito de Alexânia, uma festa de grande importância para seus 1500 habitantes: a *Feira de Trocas*, quando os trabalhos dos artesãos locais são trocados por roupas, agasalhos, mantimentos ou mesmo dinheiro, trazidos por visitantes das cidades próximas, mais notadamente, Brasília.

A *feira de trocas* foi promovida pela primeira vez na década passada, incentivada pela professora Lais Aderne, que viu no potencial artesanal da população uma forma de atividade econômica. Com a saída de Lais, um grupo de moradores voluntários se dispôs a continuar incentivando e divulgando a feira, que se realiza anualmente, e acabou por fundar a Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos d'Água.

Atualmente, não há, para a *feira de trocas*, os mesmos preparativos de alguns anos atrás, pois alguns artesãos já comercializam seu trabalho durante o ano inteiro, enquanto transmitem sua técnica a aprendizes. Os produtos, durante a festa, são expostos na praça da cidade e incluem tapetes, bolsas, bonecos decorativos, balaies, objetos de barro, colchas e até peças de mobiliário.

INCENTIVO

Uma das mais antigas artesãs de Olho d'Água, Elvira, de 70 anos, ou dona Vilu, como é mais conhecida, explica que a feira serviu para incentivar a produção de artesanato "porque quem não trabalhava antes, agora trabalha. É claro, diz ela, que se a gente tivesse ajuda do Governo seria melhor". Isso porque muitos artesãos da cidade, dadas as suas próprias condições de vida, não estão podendo adquirir matéria-prima e acabam levando à feira objetos de seu uso, como cabaças e teares, que, para o comprador dos centros urbanos, têm apenas função decorativa.

Dona Vilu explica que não faz questão de que a peça oferecida para troca por seu trabalho seja exatamente útil para ela, já que "uma roupa que não serve pra mim pode servir pra outra pessoa daqui mesmo, que tem alguma coisa para trocar comigo". As trocas entre os artesãos, após a feira, são então muito comuns, especialmente porque a maioria deles vive na roça, nas fazendas próximas e aproveita a oportunidade para conseguir um pouco do que precisam.

ANTECEDENTES

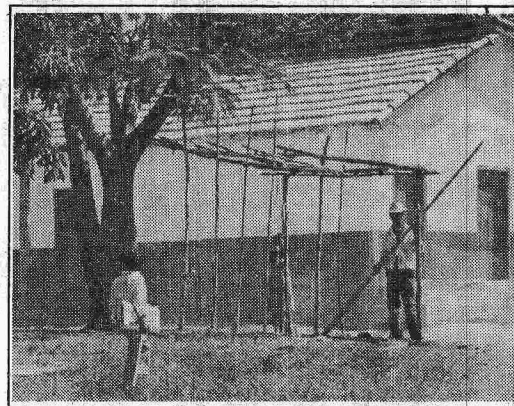
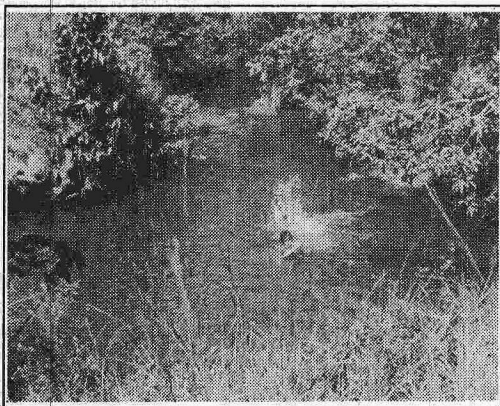
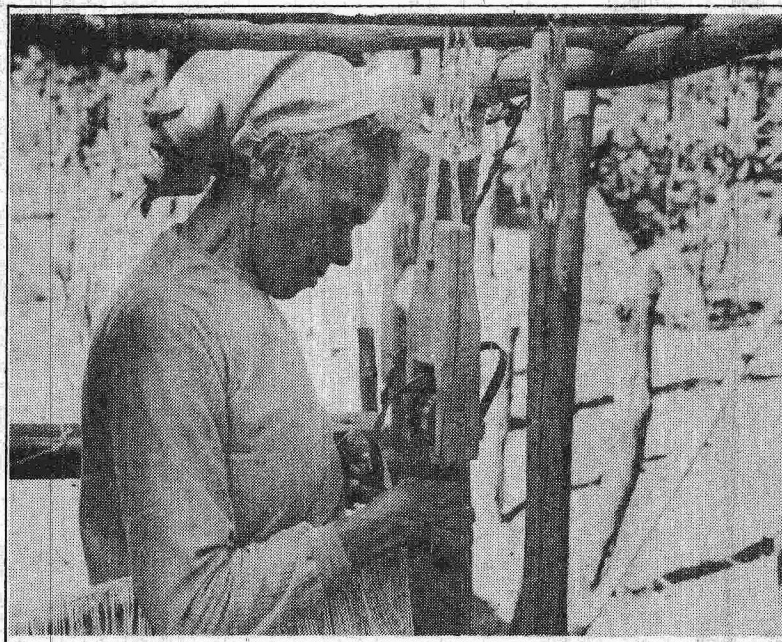
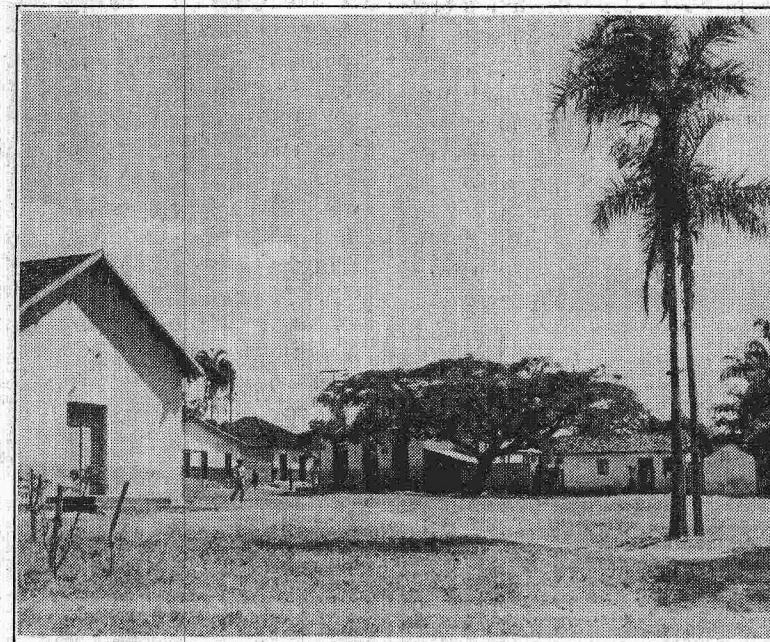
Distante cerca de 120 quilômetros de Brasília, Olhos

d'Água, que surgiu por volta de 1940, quando o fazendeiro Germiniano Ferreira de Queiroz doou ao padre Luiz Marise 15 alqueires de suas terras, onde colonos foram se assentando em torno da Igreja, é hoje uma cidade praticamente abandonada.

A partir da instalação de Brasília, a prefeitura local, então chefiada por Alex Abdallah, (que originou o nome de Alexânia) decidiu transferir a cidade para as margens da rodovia que liga Goiânia ao Distrito Federal, ficando Olhos d'Água reduzida a um núcleo sem status de cidade, e, o que é pior, sem um só médico, pois o único posto de saúde que lá

funcionou teve sua verba cortada há alguns anos e nunca mais foi reaberto. Como Alexânia também não tem hospital, os locais mais próximos para esse tipo de atendimento são Anápolis e Brasília.

Escola também não havia até um ano atrás, quando um grupo organizou a Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos d'Água, criou e mantém até hoje, exclusivamente por meio de doativos, uma Escola Experimental, a nível de 1º grau, com cerca de 40 alunos e proporciona atividades para um total de 60 crianças de 3 a 6 anos de idade.



A velha tecelã e o tear, a praça da igreja, as águas tranqüilas do rio Galinha, a montagem das barracas e o artesanato integram o dia a dia de Olhos d'Água que culminará na feira de trocas

Sesi. "A prefeitura de Alexânia é de oposição — explica o mesmo associado — e, por isso mesmo, tem dificuldades em conseguir verbas para educação e saúde".

LEVANTAMENTO

A Associação, que está iniciando um levantamento sobre as condições de vida, grau de instrução e outros dados na população de Olhos d'Água já conseguiu apurar, nesta primeira fase, que em 264 pessoas entrevistadas — representando 45 famílias — 181 são sadias mas 83 estão doentes, com verminose e outros problemas. O número de analfabetos ficou, no mesmo grupo, na casa dos 129.

Até o mês que vem, quando o Projeto Rondon estará em Olhos d'Água, a Associação espera ter o levantamento bastante adiantado, para apresentá-lo aos estudantes, de quem pretendem obter auxílio no que diz respeito a exames e controle de verminose e doença de Chagas, muito frequente em Goiás.

Além dos problemas já citados, Olhos d'Água está tendo agora uma nova preocupação: um loteamento, com cerca de 1200 terrenos próximo àquele núcleo, logo deverá começar a ser vendido, embora não conte com nenhuma medida de saneamento básico, o que leva ao risco de epidemias, assim como ao receio de que a rede de esgotos venha a desembocar no único rio que banha a cidade.

PROGRAMAÇÃO

Para a abertura da feira de trocas de Olhos d'Água, estão programados dois forrões, animados com músicas locais e de Alexânia. Um dos bailes é promovido pelo Lyons Clube de Alexânia, e será realizado ao lado da sede da Associação de Pais e Mestres — para a qual reverterá a renda. O outro terá lugar no Salão Paroquial, em frente à Igreja da praça.

Também na praça ficarão expostos os produtos artesanais e há bastante lugar para camping, além de barracas que vão vender "petiscos goianos" e bebidas.

Quem não estiver pretendendo acampar, mas quiser passar o fim-de-semana em Olhos d'Água — inclusive para aproveitar o banho no rio Galinha — pode conseguir hospedagem através da Associação. Para refeições, preços médios de Cr\$ 80,00 para o prato sortido (PF) e Cr\$ 100,00, para o comercial, com as senhoras Isaura, Estela, Custódia, Niquinha, "Seu" Mané Russo, e na Frutaria do "Seu" Fernandes.

A diretora educacional da Associação, professora Sinclei, explica que a escola está funcionando "sem dinheiro nenhum", pois seus professores — diplomados e autorizados pela Secretaria de Educação de Goiás — são voluntários, o prédio em que lecionam foi cedido pela mãe de um dos alunos e o material, do quadro negro aos livros, tem sido conseguido através de doações. Mas, mesmo sem carteiras para os alunos, a Associação não pretende desanimar e mantém seus objetivos principais, que são "fixar o trabalhador rural no campo, evitando as transferências de famílias que têm crianças em idade escolar para a cidade grande".

assim como "proporcionar atividades educacionais, artísticas, culturais e de subsistência, que visem à integração equilibrada do educando consigo mesmo, com o meio-ambiente e com o universo".

Segundo um outro membro da Associação, sua maior preocupação no momento é com o aspecto saúde, e, por essa razão, procura-se sindicalizar o maior número possível de trabalhadores rurais, pois os que já ingressaram no Sindicato dessa categoria ainda não são suficientes para justificar a contratação de um médico. A ajuda oficial é mínima e se limita à introdução, este ano, de uma cooperativa de artesãos, ao lado de um centro profissionalizante do